

COLÓQUIO



ANA CRISTINA CESAR

NOVOS OLHARES SOBRE A LITERATURA BRASILEIRA

PROGRAMAÇÃO E RESUMOS

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

13 e 14 de novembro de 2024

ORGANIZAÇÃO

Viviana BOSI

Raquel Machado GALVÃO



<https://sites.usp.br/conexoescriticas/>

QUARTA-FEIRA, 13 de nov.

Manhã

8h Abertura

Revisitando Ana C. | Italo Moriconi (UERJ)

9h30 Ana Cristina Cesar e Endereçamento

Das incoincidências permanentes: Ana Cristina Cesar e as poéticas da resposta | Marcos Siscar (Unicamp)

"É para você que escrevo, hipócrita": Ana Cristina Cesar, Baudelaire e o endereçamento | Rita Loiola (Unicamp)

Entre Camerado e Amor: Ana Cristina Cesar amante-leitora de Walt Whitman | Sofia de Almeida e Mello (Unicamp)



Local: Sala 118 (FFLCH - Ciências Sociais)

QUARTA-FEIRA, 13 de nov.

Tarde

14h30 Correspondências de Ana Cristina Cesar

[Local: sala 261 da Letras]

Ana Cristina Cesar: a carta como gênero e performance |
Bruno Oliveira Couto (Unicamp)

*Amor à resposta: cenas do endereçamento na
correspondência de Ana Cristina Cesar a Luiz Augusto* |
Talissa Ancona Lopez (Unicamp)

*Requintes da sedução: a voz poética de Ana Cristina
Cesar* | Adriana Salerno (USP)

16h Palestra

E "tudo começou com Ana Cristina", dizem. | Maria
Lucia de Barros Camargo (UFSC)



Local: Sala 118 (FFLCH - Ciências Sociais)

QUINTA-FEIRA, 14 de nov.

Manhã

8h Nas Tramas da Crítica de Ana Cristina Cesar

Amor e medo, poses e máscaras: o lirismo sereísta de Ana C. | Masé Lemos (Unirio)

Ana Cristina Cesar leitora enfurecida: diálogos entre a poeta carioca e a Crítica Feminista | Erica Martinelli Munhoz (Unicamp)

A bibliografia viva de Ana Cristina Cesar | Raquel Machado Galvão (USP)



Local: Sala 118 (FFLCH - Ciências Sociais)

QUINTA-FEIRA, 14 de nov.

Manhã

9h30 Ana Cristina Cesar Comparada

Tea for three: conversas de poetas com Ana C. | Viviana Bosi (USP)

Escrever-se, fotografar-se | Júlia Pasinato Izumino (USP)

Ancorar um navio no espaço: Ana Cristina Cesar e Mira Schendel | Ana Beatriz Cursino de Araújo (Unifesp)

10h45 Painel de Encerramento

Ana Cristina Cesar, regime de escrita | Michel Riaudel (Sorbonne Université)



Local: Sala 118 (FFLCH - Ciências Sociais)



RESUMOS

Revisitando Ana C.

Italo Moriconi

Comunicação-evocação da experiência de escrever sobre Ana Cristina, em confronto com a trajetória de sua presença crítica e icônica no cenário literário.

Das coincidências permanentes:

Ana Cristina Cesar e as poéticas da resposta

Marcos Siscar

O trabalho busca explorar o conceito de "endereçoamento" ("adresse lyrique", "lyric address") na teoria poética contemporânea, destacando o papel da segunda pessoa textual. Para além do mero recurso retórico convencional, a interpelação apostrofada tem sido vista como dispositivo que, em sua relação com o leitor, envolve tanto aspectos hermenêuticos quanto aspectos éticos e políticos. A obra de Ana Cristina Cesar, na qual a segunda pessoa assume centralidade, é inspiradora a esse respeito. Desafiando a ideia crítica e poética do texto monológico, a autora se insere historicamente no debate sobre o caráter transitivo ou intransitivo da literatura, mas abre também para um escopo mais amplo de discussão, no qual estão em jogo diferentes concepções da "resposta", oscilando entre o desejo de controle e a abertura para o outro.

"É para você que escrevo, hipócrita":

Ana Cristina Cesar, Baudelaire e o endereçamento

Rita Loiola

A apresentação propõe o estudo de alguns poemas de Ana Cristina Cesar incluídos em *A teus pés* (1982) e em *Inéditos e dispersos* (1985) que aludem a Charles Baudelaire (1821-1867). O objetivo é discutir a relação com o destinatário, estabelecida por meio da retórica do endereçamento, destacando de que maneira elementos da poética baudelairiana seriam tomados e reinventados pela poeta para a composição da ligação com o interlocutor. Em diversas ocasiões, o autor do conhecido convite ao "*hypocrite lecteur, – mon semblable, – mon frère!*", que abre *As Flores do Mal*, será convocado pelo texto de Ana Cristina Cesar por meio do embate, contraste, assimilação e recriação, figurando como uma instância provocativa, produtiva para a construção de reflexões a respeito da ligação com o interlocutor de poesia. Pretende-se, portanto, enfatizar a representação dos laços com a alteridade – com o “outro”, como escreve a poeta – investigando as estratégias empregadas na escrita da autora e percebendo como a reinvenção da obra baudelairiana colabora para a elaboração de uma poética que é também uma maneira de ler a modernidade.

Entre Camerado e Amor:

Ana Cristina Cesar amante-leitora de Walt Whitman

Sofia de Almeida e Mello

A relação com a interlocução é notadamente uma das grandes questões da obra poética de Ana Cristina Cesar. A “mobilização do leitor”, como nomeia em uma de suas entrevistas, é um importante procedimento retórico que guia sua visão de poesia e sua relação com a tradição literária. Para aprofundar o entendimento que temos da relevância do leitor para sua obra, procuramos analisar a relação que Ana Cristina estabelece com os autores que lê, ou seja, o modo como ela própria se comporta como leitora. O caso escolhido foi sua “tradução-leitura” do final do poema “So long”, de Walt Whitman, no qual podemos observar a interpretação da poeta ao trocar o vocativo “Camerado” por “Amor”. Acreditamos que, ao fazer essa adaptação – ou “vampiragem”, nos termos de Maria Lúcia de Barros Camargo –, a poeta responde ao pedido de relação e leitura de Whitman não pela via da identidade e da identificação, como poderíamos ler no vocativo “Camerado”, mas pela via da relação pautada na diferença, próprio da relação amorosa, e que transpareceria na substituição por “Amor”. Nesse sentido, acreditamos que a maneira como responde, como leitora, à injunção do poeta estadunidense, é o modo que gostaria de estabelecer relação com os seus próprios leitores.

Ana Cristina Cesar: a carta como gênero e performance

Bruno Oliveira Couto

Passados 45 anos da publicação de *Correspondência Completa* (1979), ainda temos uma fortuna crítica fragmentada sobre esse material elaborado pela poeta Ana Cristina Cesar. Conforme observado por Leandro Garcia Rodrigues, pesquisador especializado no gênero epistolar, desde a publicação da Coleção *Correspondência Mário de Andrade* e do livro *Prezado Senhor, Prezada Senhora*, de Nádia Gotlib e Walnice Galvão, houve uma significativa sistematização dos estudos de epistolografia no Brasil. Ainda que Ana Cristina Cesar pertença a outro viés – uma poeta que, mesmo sem um domínio pleno da teoria epistolar, emula de maneira engenhosa a estética desse gênero, percebe-se uma complexidade peculiar na constituição de seu texto supracitado. O atrativo dos textos que se apresentam como correspondência constrói-se de forma singular, o que gera grandes debates à luz dos recursos críticos contemporâneos. Isso evidencia a produção de um material extremamente original, ainda que limitado pelos recursos disponíveis na época de produção de *Correspondência Completa*. A partir dessas perspectivas, a comunicação propõe apresentar e dialogar com as discussões mais recentes sobre o gênero epistolar, além de examinar como esses debates se refletem no livro. Ademais,

propõe-se mobilizar discussões sobre a performance do feminino, à luz da teoria de Judith Butler, uma vez que, como afirmou Gustave Flaubert, o "gênero epistolar" era tradicionalmente considerado um estilo "exclusivamente reservado às mulheres". Dessa forma, esta comunicação oferece uma leitura de *Correspondência Completa* no contexto do gênero, tanto estético quanto identitário, explorando a performance de uma identidade no corpo do texto do livro de 1979.

Amor à resposta: cenas do endereçamento na correspondência de Ana Cristina Cesar a Luiz Augusto

Talissa Ancona Lopez

Este trabalho analisa as cartas de Ana Cristina Cesar enviadas a Luiz Augusto e publicadas em *Amor mais que maiúsculo: cartas a Luiz Augusto* (Companhia das Letras, 2022) com o objetivo de investigar de que maneira a autora convoca as respostas do leitor/destinatário e como essa convocação constrói um movimento de endereçamento em seu texto. Ao pensar o endereçamento como uma maneira de criticar a visão intransitiva da literatura, a carta – objeto transitivo por excelência – aparece como um modelo de escrita evidentemente em direção ao outro, modelo da literatura endereçada, já que a dinâmica da carta trabalha com um endereçamento supostamente definido; escreve-se para alguém nomeado explicitamente. O endereçamento, se-

gundo Pedrosa (2014,) é a artimanha responsável por criar um deslocamento, um movimento dentro do texto. Ao invés de simplesmente supor que na carta não há o problema do endereçamento, analisa-se, aqui, de que maneira uma carta se endereça a esse alguém definido, ou seja, de quais artimanhas o remetente se vale para criar esse movimento. Na literatura de Ana Cristina Cesar, vemos frequentes aparições de tentativas de mobilização do outro – é, de alguma forma, um gesto que a carta empresta à literatura. Agora, na leitura uma certa correspondência da autora, interessa investigar como aparecem as alusões e os pedidos de resposta, se são parte protocolar do formato da carta (ao final, por exemplo, como uma despedida) ou se estão espalhadas pelo texto; se a alusão à resposta carrega um tom específico ou se ela varia e como varia; por fim, de que maneira a autora se vale dessa estratégia para endereçar a escrita à escrita (a carta que espera a carta de volta).

Requintes da sedução: a voz poética de Ana Cristina Cesar

Adriana Salerno

A partir de notas críticas dos ensaios: 1) “Sereia de papel (algumas anotações sobre a voz e a escrita em Ana Cristina Cesar)” (ZULAR, Roberto, 2015), 2) “A referência desdobrada – O sujeito lírico entre a ficção e a autobiografia” (COMBE, Dominique. Revista USP n. 84, dez./fev. 2009 –2010) e 3) “Análise da linguagem poética”

(ECO, Umberto, 2005) serão feitas algumas observações sobre a voz poética da autora em dois poemas selecionados do livro *A teus pés*, de Ana Cristina Cesar. A ideia é investigar esse eu-lírico que nos fala através de prosa poética e versos no livro, a borrar fronteiras entre a autoficção e a máscara poética, em um delírio reflexivo inspirado na realidade, uma escrita com um viés de diário, sobre o fardo do lirismo, sobre os requintes do desejo e da sedução; entre outras leituras possíveis que brotem à superfície das águas da sereia. Será feita uma leitura comparativa e crítica dos poemas “cabeceira” e “aventura na casa atarracada” (CESAR, Ana C. *A teus pés*. 2016, p. 39 – 40).

E "tudo começou com Ana Cristina", dizem.

Maria Lucia de Barros Camargo

Revisitar os escritos de Ana C. é também revisitar meu próprio processo de leitura dessa palavra que não cessa de ecoar. Dentre vários pontos revisitados, chamo atenção para as notas marginais de leitura, manuscritas de um exemplar do livro *Reunião*, de Carlos Drummond de Andrade, material até agora pouco conhecido e explorado. Trata-se, em suma, de recuperar a vida do arquivo e de homenagear a sobrevivência da literatura.

Amor e medo, poses e máscaras: o lirismo sereísta de Ana C.

Masé Lemos

Como receber a poesia de Ana C. hoje, momento em que os gestos autobiográficos de sinceridade nada ingênuos retornam, em especial na poesia escrita por “mulher”? Como diz Hélène Cixous, “É preciso que a mulher se escreva” ou como aponta Cesar, quando mulheres escrevem, “emerge uma espécie de consciência feminina”. Entretanto, sua poética não consegue assumir totalmente essa proposta, mas encena esse desejo, abrindo caminhos. Em sua conhecida resenha “O poeta é um fingidor” (1977) sobre as *Cartas de Álvares de Azevedo*, Ana Cristina Cesar retoma as noções de fingimento e de sinceridade para pensar o lirismo. A noção de “insinceridade” é tomada de Mário de Andrade para ler a poesia de Azevedo a partir do mote do “Amor de medo”, e como ela explicita “sem fúrias biografistas”, mas sobre “bases deveras sentidas”. Essas questões retornam sempre em sua poesia e em sua crítica, em um contexto teórico-crítico em que o *eu* havia sido sequestrado (*refoulé*); “tanto para Ana C. quanto para boa parte da crítica de sua época, não é possível senão recusar o biográfico” (Siscar). Percebo na poesia de Cesar um “desassossego” diante dessa “censura do sujeito” que segundo Roland Barthes sua geração teria sofrido; “não consigo transmitir para você uma verdade acerca da minha subjetividade” (Cesar). Afinal, como afrontar a impessoali-

dade, a autorreferencialidade da poesia moderna e pensar uma outra “política da sereia” (Rancière), a partir do desejo suspirado na poesia de Ana C.: “quero tanto os seios da sereia”? Gostaria de refletir sobre um lirismo sereísta em Ana C. (alusão ao “feminismo sereísta” de Lu Menezes) a partir das questões acima, em uma poesia, na hipótese aqui levantada, marcada pela angústia entre o amor pela sinceridade e o medo de “afrontar” esse desejo de comunicar, de fazer “apelo à subjetividade” (Salles Vasconcelos).

Ana Cristina Cesar leitora enfurecida: diálogos entre a poeta carioca e a Crítica Feminista

Erica Martinelli Munhoz

A crítica de Ana Cristina Cesar dedicou, desde os primeiros trabalhos, particular atenção à presença das temáticas de gênero na sua poesia. O papel de Cesar também como produtora de reflexões críticas tem sido destacado em pesquisas mais recentes, expandindo as discussões de gênero também à sua produção intelectual. Alguns dos textos inéditos investigados por Galvão (2021) no acervo da poeta mostram que o interesse pela leitura crítica de autoras mulheres era central para Cesar, e seus três ensaios a respeito da questão da mulher na literatura publicados no volume *Crítica e Tradução* (“Literatura e mulher: essa pala-

vra de luxo” [1979]; “Riocorrente, depois de Eva e Adão” [1982] e “Excesso Inquietante” [1982]) recusam qualquer homogeneidade (Silva, 2011) assim como os clichês da “escrita feminina como intimidade” (Malufe, 2018). Este trabalho reflete sobre a aproximação de Cesar com a crítica literária feminista anglófona, procurando estabelecer como suas leituras dessa produção (identificadas em trechos de suas cartas e nos volumes presentes em sua biblioteca pessoal) informaram transformações em seus textos, e representaram inspirações, assim como pontos de tensão para o seu pensamento. Suas propostas criativas (como a “leitora enfurecida”, o “excesso inquietante”, entre outras) dialogam com discussões contemporâneas, e adiantam, de forma intuitiva, problemáticas que se tornariam fundamentais para as discussões de gênero anos depois. As ideias e reflexões elaboradas por Cesar representam um momento chave para compreender o surgimento da crítica feminista no pensamento brasileiro.

A bibliografia viva de Ana Cristina Cesar

Raquel Machado Galvão

Um dos princípios críticos e poéticos de Ana Cristina Cesar é a mobilização do leitor através de mecanismos de citações e referências a outros críticos e escritores. Promove, assim, o acesso a agentes literários em um movimento que evidencia a bibliografia que ela lê e anota em marginália, abrindo no-

vas possibilidades de leituras em torno da literatura e mantendo vivas revisões renovadas sobre o campo literário contemporâneo. A comunicação interpreta como a escritora cruzou as ideias da crítica “Amor e medo” de Mário de Andrade com reflexões sobre a poética de Álvares de Azevedo, acessando as notas marginais presentes tanto no texto de Mário de Andrade, quanto no pequeno livro antológico *Álvares de Azevedo* (ed. Agir 1974). Ambos escritores são referenciados por Cesar na crítica “O poeta é um fingidor” (1977), publicada no *Jornal do Brasil*. Além disso, o título do texto cita diretamente o primeiro verso de “autopsicografia” de Fernando Pessoa (PESSOA, 1932). Em um movimento crítico reverso, também pretendo expor como a bibliografia sobre Ana Cristina Cesar, publicada a partir dos anos 1990, reforça um ideal de vida literária no espaço acadêmico, mobilizando constantes revisões teóricas sobre a história e a teoria da literatura.

Tea for three:

conversas de poetas com Ana C.

Viviana Bosi

É visível na produção de várias jovens poetas o impacto da leitura de Ana Cristina Cesar. Escolhemos comentar a forma como ocorre essa interlocução na poesia de Ana Martins Marques, Alice Sant'Anna e Julia Hansen. Cada uma delas incorporou, em suas obras, alguns procedimentos

e motivos de Ana C., embora sejam poetisas com estilos próprios e bastante diferentes entre si.

Escrever-se, fotografar-se

Júlia Pasinato Izumino

Apresentaremos algumas análises resultantes da dissertação de Mestrado que estudou, de modo comparativo, a obra poética da poetisa carioca Ana Cristina Cesar e uma parte da produção da fotógrafa estadunidense Vivian Maier. Buscaremos, então, tecer relações de aproximação e elucidar as principais diferenças entre alguns poemas de Ana Cristina e alguns autorretratos de Vivian Maier. Como eixo central, consideraremos o efeito produzido pela escolha programática que ambas a poetisa e a fotógrafa parecem fazer pela figuração do próprio gesto produtivo - isso é, a dramatização e a tematização do ato da escrita e a apresentação do ato fotográfico. Para tanto, notaremos os mecanismos pelos quais as obras produzem espaços de enunciação e figuração aparentemente autorreflexivos e, ao mesmo tempo, em um movimento duplo, articulam a tentativa da interlocução e a apropriação da figura do outro, como maneira de complicar ou até desestabilizar a própria lógica da representação do eu.

Ancorar um navio no espaço:

uma possibilidade de leitura comparatista de *A teus pés*, de Ana Cristina Cesar, e *Ondas paradas de probabilidade*, de Mira Schendel

Ana Beatriz Cursino de Araújo

A produção literária dos anos 1960 a 1980, no Brasil, é marcada por uma série de polêmicas e discussões em seu entorno: da imagem idealizada do que foi o engajamento artístico e intelectual durante a Ditadura militar brasileira (1964-1985), passando pela transgressão, desbunde e contracultura eternizados na estética hippie e underground, até chegar na produção literária e artística que de fato circulou e foi produzida no período, diferentes imagens povoam o imaginário coletivo. No nevoeiro que essas imagens produzem, uma pergunta se destaca: como se aproximar dessa Literatura e dessa Arte? Isso é, de que maneira pode a crítica e os interessados na produção desses anos construir um caminho para a leitura, e, conseqüente, análise, reflexão e compreensão desses textos, pinturas, instalações, performances, entre outros, olhando para a materialidade dessas produções, compreendendo seus ecos, desdobramentos e reflexos, e, conseqüentemente, desviando do senso comum sobre a produção artística e literária do período? presente comunicação, na esteira de abordagens críticas múltiplas, que olham para a produção literária contemporânea adotando a perspectiva da inespecificidade e da interdisciplinaridade, tenta responder à pergunta inicial



do texto “como se aproximar dessa Literatura e dessa Arte?” propondo uma possibilidade de leitura de uma seleção de poemas de *A teus pés*, de Ana Cristina Cesar, poeta e tradutora, que escreveu e publicou durante os anos 1960 a 1980, comparando-os com a instalação *Ondas paradas de probabilidade*, de Mira Schendel, artista suíça, que se mudou para o Brasil, onde viveu a maior parte de sua vida, apresentada na 10ª Bienal de Arte, em 1969.

Ana Cristina Cesar, regime de escrita

Michel Riaudel

Trata-se de considerar o modo de escrever inventado por Ana Cristina Cesar, através da análise de seus poemas, e de seus “remorsos”.





SÃO PAULO
NOVEMBRO DE 2024

APOIO INSTITUCIONAL

Programa de Pós-Graduação em Teoria
Literária e Literatura Comparada (USP)

